

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
MICHELLE ULISSES BARBOSA

**INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO AUTISTA: RELATOS DE UMA
EXPERIÊNCIA DOCENTE**

João Pessoa,

2017

MICHELLE ULISSES BARBOSA

**INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO AUTISTA: RELATOS DE UMA
EXPERIÊNCIA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, como requisito parcial para obtenção do Título em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

Professora Orientadora: Dr(a). Stella Maria Lima Gaspar de Oliveira

João Pessoa,

2017

B238i Barbosa, Michelle Ulisses.

Inclusão escolar de um aluno autista: relatos de uma experiência docente / Michelle Ulisses Barbosa. – João Pessoa: UFPB, 2017. 34f.

Orientadora: Stella Maria Lima Gaspar de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Inclusão. 2. Alfabetização. 3. Interação. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37-051(043.2)

Michelle Ulisses Barbosa

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR(A) NA INCLUSÃO E SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO(A) AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR: ALFABETIZAÇÃO

Aprovado em: 11/06/2017

BANCA EXAMINADORA

Stella Maria Lima Gaspar de Oliveira
Prof.^a Dr.^a Stella Maria Lima Gaspar de Oliveira – Orientadora (DFE/CE/UFPB)

Nadia Jane de Sousa
Prof.^a Dr.^a Nadia Jane de Sousa (DHP/CE/UFPB)

Marlene Helena de O. França
Prof.^a Dr.^a Marlene Helena de Oliveira França (DHP/CE/UFPB)

AGRADECIMENTOS

“Magnificat”

"Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo. Sua misericórdia se estende, de geração em geração, sobre os que o temem. Manifestou o poder do seu braço: desconcertou os corações dos soberbos. Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e sua posteridade, para sempre”.

Lc.1, 46-56.

Meu agradecimento é primeiramente a Deus, e a intercessão de Nossa Senhora, a qual louvo e agradeço todos os dias, por sua presença “viva” e real e minha vida.

A minha família, aos meus filhos Gabriel e Eduardo, grandes incentivadores, da minha “luta” acadêmica, que vibraram comigo a cada obstáculo vencido.

A dona Marlene, que já não está em nosso meio, mas sim, na glória de Deus, que não teve a oportunidade de cursar o ensino superior, mas dona de um conhecimento a qual, não se aprende dentre os muros das instituições. Me ensinou o poder da fé e da perseverança, e infelizmente, não terá a oportunidade de ver a concretização de um sonho.

A minha orientadora, professora Stella, que eu acredito de não ter a noção, da grandiosidade do seu sim, ao se disponibilizar para viabilizar o fim de um longo processo de luta e sofrimento, para a conclusão desse curso.

As professoras Nadja e Marlene, participantes da banca.

A Rogéria, que não só acreditou e confiou no que propunha a instituição a qual acolheu seu filho, mas também que eu seria capaz de auxiliá-lo em seu processo de ensino aprendizagem.

E a todos que, direta e indiretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

Pretende – se adotar nesta pesquisa, a técnica do estudo de caso, a partir da observação do aluno N. atualmente, com oito anos de idade, explicitar minha experiência não só como docente, mas também como discente concomitantemente, o processo de inclusão de alunos autistas em seu processo de alfabetização e socialização no ambiente escolar, bem como, verificar através de uma revisão da literatura, métodos utilizados pelo mesmo, para viabilizar tal processo e descrever como ocorre a interação professor-aluno, no que diz respeito a realização das atividades no decorrer do processo de ensino- aprendizagem, em alunos autistas. Bem como, mostrar os resultados de um questionário aplicado ao atual professor do mesmo, afim de verificar o processo evolutivo cognitivo e social da criança. Regularmente matriculado em uma turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I, no turno da manhã em uma instituição de ensino da rede privada da cidade de Cabedelo no Estado da Paraíba. Para um melhor entendimento, no que diz respeito ao aluno N., será exposto o que venha a ser o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas comorbidades, métodos existentes para facilitar o aprendizado, para que sejam superadas as limitações “impostas” por essa patologia, para um melhor desenvolvimento desse aluno. Autores como (Orrú,2012), (Gadia e Rotta, 2015), (Riesgo e Becker, 2015) dentre outros, alicerçam esse trabalho.

Palavras Chaves: Inclusão, Alfabetização, Interação.

RESUMEN

Se pretende adoptar en esta investigación, la técnica del estudio de caso, a partir de la observación del alumno N. actualmente, con ocho años de edad, explicitar mi experiencia no sólo como docente, sino también como discente concomitantemente, el proceso de inclusión de alumnos Autistas en su proceso de alfabetización y socialización en el ambiente escolar, así como, verificar a través de una revisión de la literatura, métodos utilizados por el mismo, para viabilizar tal proceso y describir cómo ocurre la interacción profesor-alumno, en lo que se refiere a la realización de las actividades En el proceso de enseñanza-aprendizaje, en alumnos autistas. Así como, mostrar los resultados de un cuestionario aplicado al actual profesor del mismo, a fin de verificar el proceso evolutivo cognitivo y social del niño. Regularmente matriculado en una clase del 3º Año de la Enseñanza Fundamental I, en el turno de la mañana en una institución de enseñanza de la red privada de la ciudad de Cabedelo en el Estado de Paraíba. Para un mejor entendimiento, en lo que se refiere al alumno N., se expondrá lo que venga a ser el Trastorno del Espectro Autista (TEA) y sus comorbilidades, métodos existentes para facilitar el aprendizaje, para que sean superadas las limitaciones "impuestas" por Esta patología, para un mejor desarrollo de ese alumno. Autores como (Orrú, 2012), (Gadía y Rotta, 2015), (Riesgo y Becker, 2015), entre otros, fundamenta ese trabajo.

Palabras claves: Inclusión, Alfabetización, Interacción.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. ASPECTOS TEÓRICOS- AUTISMO	09
2.1. O Professor e a Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais	13
2.2 . Educação Inclusiva	16
3. DELINEAMENTO DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS	19
3.3.1. Análise Descritiva do Questionário Aplicado	26
3.3.2. Questionamentos	26
3.3.3. Análise	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem o intuito de verificar através da observação e experiência vivida outrora, como docente em uma escola particular na cidade de João Pessoa e aluna no Curso de Pedagogia, dessa instituição de ensino, (Universidade Federal da Paraíba) as experiências e dificuldades encontradas por mim, bem como, por professores no processo de inclusão de alunos(as) autistas, em seu processo de alfabetização e socialização no ambiente escolar assim como, verificar através de uma revisão da literatura, os métodos utilizados pelo mesmo, para viabilizar tal processo, descrever de que forma ocorre a interação professor-aluno no que diz respeito a realização das atividades no decorrer do processo de ensino - aprendizagem, em alunos diagnosticados com TEA (Transtorno do Espectro Autista), foco desse trabalho.

Pretende – se adotar nesta pesquisa, a técnica do estudo de caso, a partir da observação do aluno N. atualmente, com oito anos de idade, bem como, mostrar os resultados de um questionário aplicado ao atual professor do mesmo, afim de verificar o processo evolutivo cognitivo e social da criança. Regularmente matriculado em uma turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I, no turno da manhã em uma instituição de ensino da rede privada da cidade de Cabedelo no Estado da Paraíba.

Tendo em vista as necessidades desse aluno para seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, foram desenvolvidas atividades que contribuíssem para seu desenvolvimento cognitivo e social, alicerçado pelos documentos que regem a nossa educação como a lei de Diretrizes e Bases, bem como, documentos específicos que direcionam os profissionais da educação como as Diretrizes Operacionais para o atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

O interesse pelo assunto se deu, devido o trabalho da autora, como docente em uma escola privada na cidade de João Pessoa no ano de 2014, em turma composta por 18 alunos com idade entre quatro e cinco anos, dentre eles um aluno diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro Autista), e ao longo do ano foram diversas dificuldades pelos quais enfrentamos, quando expresso “enfrentamos” me refiro a todos os integrantes que fazem parte da instituição escolar.

A princípio, o pouco conhecimento que eu tinha a respeito da síndrome e suas comorbidades, referia – se ao assunto abordado dentro dos componentes curriculares vistos ao

longo do curso, mais precisamente, na área de aprofundamento em Educação Especial, portanto, muito superficialmente.

A proximidade que nós, como estudante do curso de pedagogia, temos com essa realidade, se dá através dos estágios supervisionados, nesse caso em particular, em Educação Especial, ainda sim, de grande valia. Pois, os mesmos nos proporciona a veiculação dos instrumentos teóricos e práticos na aquisição de novos conhecimentos, imprescindíveis e inerentes no exercício de nossas funções no campo profissional. Para Garrido (2001) “A atividade docente é, pois, práxis (Pedagogia é ciência prática da e para a práxis educacional)”, é no exercício diário da nossa função como docente, que nos deparamos com as reais necessidades dos nossos alunos, seus anseios e limitações. Partindo desse princípio, devemos nos questionar, o que estamos ou podemos fazer para sanar ou tentar amenizar, essas lacunas apresentadas por esses alunos.

Em cumprimento, a referida disciplina, realizei meu estágio em uma escola estadual, localizada no bairro do Bessa, na cidade de João Pessoa/ PB, na sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), a qual atendia 12 alunos com necessidades especiais, dentre eles, 3 diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante minhas observações, pude perceber, o quão singular é cada criança, mesmo tendo em comum a similaridade de um diagnóstico.

Durante toda minha caminhada acadêmica, me questionei a respeito da área a qual exerceria minha profissão. Embora já trabalhando como docente, a pedagogia, nos oferece um leque de opções, como, ministrar aulas em escolas públicas e privadas (da educação infantil ao ensino fundamental I), na parte de gestão escolar (direção e coordenação), orientação educacional e pedagogia empresarial, dentre outros.

Nessa perspectiva, há diversos “caminhos” as quais podemos percorrer, como, Educação Especial e Inclusiva, a Educação De Jovens e Adultos (Alfabetização), Educação do Campo e etc. Mas foi, devido a proximidade com crianças com necessidades especiais, que me “apaixonei” por essa área de conhecimento.

O ambiente escolar é por demais desafiante, devido a todas limitações que nós professores enfrentamos, como por exemplo, a falta de recursos, conhecimento e ambientes apropriados para a realização de atividades propostas para um melhor desenvolvimento

cognitivo e social, nesse caso em particular, a alfabetização, inclusão e socialização de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Dentre as atribuições do professor, está a de mediador do conhecimento, mas também a responsabilidade de educar o aluno para a sua vivência além do âmbito escolar, passando-lhe valores sociais e a importância do respeito e valorização do ser diferente, com o intuito de sanar o preconceito e diminuir o isolamento desses alunos, bem como, promover a interação com os demais alunos.

2. ASPECTOS TEÓRICOS: AUTISMO

Para um melhor entendimento, no que diz respeito ao aluno N., será exposto o que venha a ser o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas comorbidades, métodos existentes para facilitar o aprendizado, para que sejam superadas as limitações “impostas” por essa patologia, para um melhor desenvolvimento desse aluno. Autores como (Orrú,2012), (Gadia e Rotta, 2015), (Riesgo e Becker, 2015) dentre outros, alicerçam esse trabalho.

Para o delineamento dessa pesquisa, a escolha pelo estudo de caso, com observação participante e sistemática como abordagem metodológica, se deu, devido o aluno N. se apresentar tão diferentemente de outras crianças, as quais conheci, diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro Autista), a partir daí, o interesse em relatar sua “caminhada”. Pois, o estudo supracitado de acordo com (MARCONI e LAKATOS, 2003)

[...] enfatiza mais o processo do que o produto, tendo a preocupação de retratar a perspectiva dos participantes da investigação. Ela envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato prolongado do pesquisador com a realidade empírica estudada.

Contudo, o descrever sua trajetória, traz a importância em comprovar que, de acordo com a viabilidade de recursos oferecidos pelos pais, escola, comunidade, etc. Um indivíduo com necessidades especiais, mesmo com todas suas limitações, tem capacidade de se desenvolver.

Foi Bleuler, psiquiatra suíço que em 1908, usou pela primeira vez a palavra “autismo” ao descrever pacientes com um grupo de sintomas que julgou de tipo esquizofrênico (Gadia e Rotta, 2015, p. 368).

Autismo é uma palavra de origem grega (autós), que significa por si mesmo, Léo Kanner, psiquiatra Austríaco, iniciou seu estudos na década de 40, em sua pesquisa, estavam 11 crianças, nas quais apresentavam características muito semelhantes, como, incapacidade para estabelecer relações com outras pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades realizadas (ORRÚ, 2012,p.18).

Atualmente, o autismo, é descrito como uma síndrome comportamental, estando inserida no grupo dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), a qual, seu

diagnosticado se dá, através da observação do indivíduo, feita por uma equipe multidisciplinar.

Faz - se necessário, um diagnóstico, a partir dos 3 anos de idade, para que, as intervenções necessárias sejam aplicadas, para um melhor desenvolvimento, já que, os primeiros sinais referentes ao Transtorno do Espectro Autista, se apresentam nos primeiros meses de vida;

Desde recém-nascido até os seis meses, o bebê normal gradativamente vai demonstrando interação, vira a cabeça na direção da chamada; segue a direção do olhar da mãe quando ela olha para algo visível; começa a desenvolver atenção compartilhada; responde a manifestações de afeto e a emoções [...] O bebê com TEA tem maior incidência de posturas anormais; necessita de mais estímulos para atender ao chamado; é hiperoral (coloca tudo na boca); tem aversão ao toque social; apresenta pouca reação ao desconforto do outro; não apresenta sorriso social, nem expressão facial apropriada.(GADIA e ROTTA, 2015,p.371)

Concordando com (ORRÚ, 2012, p.38) afirmando que quando o processo de intervenção é planejado de maneira contínua e avaliativa, não ocorrendo tardiamente, há uma maior oportunidade de uma pessoa com autismo desenvolver-se e estruturar-se em seu próprio contexto.

Desde os primeiros estudos sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista), várias hipóteses a respeito de sua origem foram levantadas, mas até os dias atuais, não foram identificados os agentes etiológicos, responsáveis pela síndrome;

Durante as décadas de 1940 e 1950, a crença mais comum era a de que o autismo fosse um transtorno psicológico, causado por pais emocionalmente não responsivos aos seus filhos. No início dos anos 1960, um crescente corpo de evidências começou a acumular-se, [...] Atualmente, os TEA são considerados transtornos complexos, heterogêneos e de etiologia multifatorial. Diferentes combinações de fatores de risco ambientais (principalmente intrauterinos) e genéticos, bem como anormalidades na sinalização molecular e celular parecem estar envolvidas na sua etiologia. Raramente, um único fator genético ou ambiental é reconhecido como a causa do transtorno. [...] Os TEA possuem alta hereditariedade. Apesar da forte correlação entre autismo e fatores genéticos já estar bem estabelecida, o exato mecanismo genético envolvido no transtorno permanece incerto. (RIESGO e BECKER, 2015, p.357)

O assunto Autismo, é de interesse de vários estudiosos, devido a sua complexidade e comorbidades, dificultando assim, a conclusão do diagnóstico.

Em geral, os pacientes com TEA possuem de 2 a 5, comorbidades [...] O manual Diagnóstico e Estatístico – 5ª edição (DSM – 5)² aponta que, cerca de 70% dos portadores de TEA possam ter transtorno mental comorbido, e 40% possam ter, dois ou mais transtornos mentais associados [...] As seguintes comorbidades já foram descritas associadas com TEA: transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH), transtorno bipolar, tiques, síndrome de Tourette, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), esquizofrenia, ansiedade, transtorno opositor desafiante, transtorno de conduta, transtorno alimentar, psicose, enurese, encoprese, distúrbios do sono e síndrome do stress pós – traumático (MARCHEZAN e RIESGO, 2015.p.378).

Embora, a literatura nos traga um montante de informações a respeito do Transtorno do Espectro Autista, o indivíduo diagnosticado com a síndrome é único! Traz consigo características próprias, advindos de um histórico de vida exclusivo.

Portanto, no que diz respeito a parte educacional, seja tão desafiante e complexo, pois em uma sala de aula, mesmo havendo alunos, que não possuam qualquer tipo de laudo, são indivíduos únicos!

Partindo desse princípio, (Brites, 2015) afirma que, embora exista algumas características que, sinalizam o autismo, há crianças que não apresentam em si fisicamente, alterações, ou seja, há harmonia em seus traços.

O Transtorno do Espectro Autista, embora sendo uma síndrome de ampla complexidade, há três aspectos que, servem como ponto de partida a ser observado a fim de se chegar a um diagnóstico, como: “dificuldade de interação, déficit qualitativo e quantitativo de comunicação social, padrões de comportamento inadequado, atividades e interesses restritos e estereotipados” (Brites, 2015).

O DSM- V (*Diagnostic and statistical manual of mental disorders*) apresenta critérios para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista;

- Déficits na reciprocidade social-emocional, variando desde abordagem social anormal e falha até um compartilhamento reduzido de interesses, emoção ou afeto, e uma falha em iniciar ou responder à interação social;
- Déficits de comportamentos comunicativos não verbais usados para a interação social, variando desde comunicações verbais e não verbais ou anormalidades do contato visual e linguagem corporal, ou dificuldades em compreender e usar gestos, até ausência total de expressão facial e comunicação não verbal;
- Déficits de desenvolvimento, manutenção e compreensão dos relacionamentos, variando desde dificuldades em ajustar o comportamento

aos diferentes contextos sociais a dificuldades em compartilhar jogos imaginativos, até total ausência de interesse nos semelhantes. (GADIA e ROTTA, 2015)

Quanto aos níveis de gravidade, o DSM-V classifica o autismo como, “nível 1 – crianças bastante funcionais que necessitam de pouca intervenção; nível 2 – crianças relativamente funcionais que necessitam de muita intervenção; nível 3 – crianças muito pouco funcionais apesar de muita intervenção” (GADIA e ROTTA, 2015).

É comum encontrar como primeiro obstáculo, a busca dos pais e/ou responsáveis pela conclusão de um diagnóstico, muitos pais tendem a adiar a busca pelo tratamento e muitos devido as condições econômicas, acabam por depender do serviço público, a qual é precário, impossibilitando assim que essas crianças possuam um tratamento adequado e de qualidade (RODRIGUES e SPENCER, 2015) diz:

[...] a importância em considerar a dimensão social na singularidade da criança autista. É essencialmente mobilizadora, pois o grau de desenvolvimento do autista está diretamente ligado às questões de estimulação, atendimento especializado e conhecimento adequado de como lidar com as situações do seu cotidiano. Tais questões, certamente, implicam as condições econômicas e culturais da família de cada um.

Outro aspecto de relevância e preocupante é a falta de conhecimento e formação dos professores no que se diz respeito a alfabetização de crianças com necessidades especiais, nesse caso em particular, com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.

Um professor atento, é de extrema importância, pois a escola é um ambiente de socialização e são em momentos não só em sala de aula, em que se percebe as primeiras dificuldades, como também a falta de interação com os colegas em ambientes de descontração como a hora do recreio.

Um assunto que permeia o âmbito educacional é, a inclusão de alunos com necessidades especiais. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), assegura que:

Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica

[...] Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem: I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Partindo desse princípio, elencando o que assevera nossa lei, nos deparamos com uma realidade deturpada, infelizmente, distante do que rege nossa constituição para com essas crianças.

Uma das maiores barreiras encontradas para que, esses direitos de fato sejam cumpridos é o “acolhimento” dessas crianças nas instituições regulares de ensino que acabam por alegar a falta de ambiente apropriado, currículo adaptado, profissionais capacitados para lidar com esses alunos etc. Ao meu ver, um dos maiores desafios se não o mais preocupante é o preconceito do próprio educador.

2.1 – O Professor e a Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais

Me deparei, ao longo não só da minha jornada como discente mas também como docente, com professores, utilizando discursos preconceituosos, como: ele não irá “aprender”!, é perda de tempo, tentar ensiná-lo!, o máximo que ele irá conseguir fazer, talvez seja o nome!

Diante de exposições tão negativas, acerca daquilo que era e ainda é, ao meu ver o direito de todo e qualquer aluno, o acesso a uma educação de qualidade. A partir daí, passei a me dedicar ainda mais a esses alunos, concordando com (AMARO, 2010, p.39);

[...] o aluno com deficiência, é um sujeito singular, Isto é, que tem características físicas, cognitivas, desejos, sentimentos, expectativas, formas de entendimento do mundo que lhes são próprias. Esta singularidade foi e é construída nas relações estabelecidas com seu próprio corpo, com as pessoas, os objetos, os espaços, os tempos e as atividades que realizou e realiza em sua vida [...] o que se espera que ele desenvolva e aprenda é estabelecido considerando sua singularidade e não aquilo que é esperado pela maioria.

Dentro dessa perspectiva, (AMARO, 2010, p.40,41 e 42) nos leva a refletir sobre o que venha a ser, inclusão.

Pensar e praticar um raciocínio relacional e inclusivo impõem que tenhamos de nos implicar como um dos elementos presentes na rede de relações que se estabelece em um contexto educacional. Não podemos dizer que o aluno não está aprendendo ou não tem condições de desenvolver tais atividades, sem questionarmos as estratégias de ensino que viabilizamos, o que estamos conceituando como aprendizado, quais são nossas expectativas em relação a este, entre outras questões [...] A construção da autonomia é um dos importantes objetivos para uma educação de qualidade. Esta é almejada para uma educação inclusiva e deve se desenvolver nas relações entre os diversos sujeitos que compõem o contexto educacional: alunos, professores, pais, agentes escolares, dirigentes, coordenadores, supervisores, secretários de educação, entre outros.

Nesse sentido, o desenvolvimento cognitivo e social de alunos que apresentam ou não necessidades especiais, é da responsabilidade de todos aqueles que compõem a instituição educacional, Martins e Pimentel (2009, p.43), nos traz a importância desse comprometimento;

[...] tanto educadores quanto a direção e a equipe pedagógica precisam estar abertos para o diálogo, a fim de criarem atividades que promovam debates e distintas formas de expressões a respeito da realidade e vivida, que est aí, dentro e fora do contexto escolar. Por outro lado, sem isolar os conteúdos teóricos das competências e das atitudes, simultaneamente, transformarem tais atividades em contribuições valiosas para uma (re)significação humana, a partir de projetos interdisciplinares cujas ações levem ao exercício de valores e ao compromisso social por um convívio mais harmônico, mais digno entre educadores e educandos, escola e comunidade, de modo que todos possam aprender a confrontar situações desafiadoras, mas, ao mesmo tempo construtivas.

Mas, é inegável que, dentro desse universo, o professor, é o ser a qual, o aluno possui um contato mais direto, contudo, a responsabilidade se torna ainda maior, mas acaba sendo uma via de mão dupla, visto que, esse contato diário, visa uma maior facilidade de o professor identificar possíveis problemas e assim atenuá-los, devido a reciprocidade dos sujeitos (aluno – professor), Albuquerque (2015, p.204 e 205) afirma que;

[...] é necessário, conhecer o aluno, que certamente está inserido em um contexto social, precisa-se conhecer o universo dos educandos, sua bagagem cultural, e, numa tríade educando- educador- meio social, constrói-se o diálogo, busca-se reinterpretá-los e recriá-los. Neste contexto, considerando que professor e alunos são sujeitos de uma relação recíproca de aprendizagem, torna-se possível diminuir as distâncias e as diferenças. Ao estimular e promover o desenvolvimento, numa conexão mediatizada pelo diálogo, professor e aluno “fazem acontecer a educação” [...] Portanto, a aprendizagem transformadora possibilita que o aluno,

aprenda ser, a viver, a conviver, a conhecer e a fazer, aprendendo a construir e compartilhar.

Diante desse contexto, fica claro, a importância do professor na participação na vida do educando, visto que seu comprometimento com a docência, vai além de “mero transmissor” de conteúdos programáticos, mas sim, um ser que é capaz de participar, valores para que esses sejam empregados ao longo da sua vida, tornando-os seres mais críticos e reflexivos;

Educar o homem é inseri-lo em um contexto sócio-histórico e cultural e torná-lo partícipe da comunidade em que vive. Mais do que isto, é compreendo-lo como um ser em co-existência e não como um ser isolado do mundo e, por isso mesmo, um ser que carece de *chances* contínuas para sustentar inter-relações pessoais cada vez mais consistentes e ser o protagonista de seu projeto de vida (MARTINS e PIMENTEL, 2009, p.37)

Ainda vivemos em uma sociedade a qual, a cultura do preconceito é ainda muito forte, geradora de situações excludentes.

Para isso, valorizar a diferença, e “investir” em potencial e utilizar-se de recursos para a construção de sua independência, faz com que o sujeito, apesar de todas as suas limitação sintá-se capaz de superar toda e qualquer dificuldade frente as suas limitações.

2.2 Educação Inclusiva

Acolher o outro, é fazê-lo participante de um contexto. O ambiente educacional, nos traz vertentes para a efetivação dessa participação, a criança com necessidades especiais, deve ser respeitada e valorizada em suas diferenças e a forma a qual ele interage com meio a qual ele está inserido.

E nessa perspectiva de inclusão, acerca do que nos assegura nossa constituição, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), n.º 9.394/96, artigo 58, da educação especial, assegura que: Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais, bem como, para viabilizar tal processo, é necessário que haja serviços especializados para atender a essas crianças, currículo, métodos, técnicas e recursos que propiciem o desenvolvimento e aprendizagem do mesmo, o acesso a programas sociais igualitário a todos no ensino regular, uma educação que vise a integralização desse aluno na sociedade.

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Em 28 de Dezembro de 2012, foi sancionada a Lei nº 12.764, pela presidenta Dilma Rousseff, de proteção aos direitos de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), assegurando-lhes o acesso a um diagnóstico precoce, afim de viabilizar um tratamento de qualidade, e a imersão desse indivíduo no âmbito educacional e social, afim de suprimir toda e qualquer tipo de atitude discriminatória.

Contudo, infelizmente nos deparamos com realidades muito distantes, as nossas leis. Receber uma criança em uma instituição, e colocá-la em uma sala de ensino regular, não é inclusão.

O processo de inclusão, implica na união de alguns fatores, ao meu ver, básicos e primordiais, para a efetivação desse processo, como, o comprometimento dos gestores, com uma educação inclusiva, pois em um primeiro momento, é através deles que ocorre ou não, o acolhimento dessas crianças, pois, [...] o diretor deve reconhecer sua responsabilidade de definir os objetivos da escola e garantir a tomada de decisões, o enfrentamento dos desafios e o apoio às interações (STANBACK e STANBACK, 1999, p.71). O segundo ponto, é a equipe organizacional, coordenadores, professores, profissionais da sala de recursos, etc. para a implementação de um currículo diferenciado, planejado de acordo com as necessidades, desses alunos, criar mecanismos, que viabilize o processo de ensino – aprendizagem, concordando com STANBACK e STANBACK (1999, p.71);

Os processos de planejamento, podem proporcionar, excelentes maneiras de ajudar a equipe a desenvolver um enfoque claro sobre como o aluno é e o que é importante para ele. As sessões de planejamento devem ser vistas como parte de um processo contínuo e não como um fim em si mesmas. Reuniões de equipe regulares e eficientes são necessárias para a monitoração do progresso dos alunos.

O último ponto é o professor como mediador e facilitador de tal processo. A forma a qual se “introduz” esse aluno, em meio aos outros, em um primeiro momento, quebrando os muros do preconceito e promovendo a interação do grupo, é de extrema importância. O desenvolvimento de atividades interativas, é um dos diferenciais para uma turma que, “poderia” ser heterogênea, se tornar homogênea.

Nessa perspectiva, STANBACK e STANBACK, (1999) diz, [...] o ensino inclusivo, é a pratica de inclusão, de todos independentemente de seu talento, deficiência, origem as necessidades socioeconômicas ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas.

É necessário a união e comprometimento de todos, para que a comunidade escolar, seja bem sucedida e acolhedora, frente as necessidades como o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de todos os alunos não só apenas os que apresentam necessidades especiais. Segundo STANBACK e STANBACK (1999, P.71);

[...] se a escola estiver receptiva a alunos que tem sido excluídos em grupos ou separados em locais separados, deve fazer um programação para conseguir a inclusão e o apoio necessário para todos os alunos. O plano precisa esboçar de que maneira recursos e pessoal (especialmente aqueles envolvidos na educação especial, e em outros programas que têm proporcionado serviços segregados para alunos) podem ser utilizados pelas equipes de professores, consultores, auxiliares de ensino e facilitadores para atuarem nas escolas regulares. Uma vez definida a declaração da missão da escola, dá-se início a implementação da reforma da escola.

Tornando – se assim, a escola um local a qual ocorra a inclusão social, pois a comunidade escolar faz parte da sociedade, local esse, em que muitos alunos tenham como referência, ao que seja, um eficaz processo de inclusão.

Partindo desse princípio, os alunos também fazem parte desse processo, pois, a partir do momento a qual há uma mudança de olhar às necessidades do outro, ocorre o acolhimento, a quebra de preconceito e barreiras, que impediriam esses alunos de exercitarem sua capacidade de perceber o outro, não como um ser diferente, a qual, devido as suas limitações não “possam” ou não sejam “capazes” de fazer algo, mas sim, de se colocarem a disposição, para auxiliarem na superação de tais obstáculos.

Para a viabilidade dessa interação, (STANBACK e STANBACK, 1999, p. 177, 181 e 182,), propõem:

- As escolas devem ser comunidades inclusivas, não exclusivas. Devem convidar as pessoas e recebê-las bem – todas elas!
- Os pais devem encorajar e exigir, se necessário, que as escolas ajudem as crianças a aprender a brincar e trabalhar juntas em salas de aula inclusivas.
- Os educadores precisam aprender a abraçar e dar apoio aos esforços necessários para que as amizades floresçam. Todos nós precisamos

ajudar no desenvolvimento dos relacionamentos. Isso é tão importante quanto, leitura, escrita e aritmética.

- As crianças precisam ser apresentadas umas às outras por outros amigos e por outras pessoas, como os que apoiam as amizades.

- Para que as amizades ocorram, devem ser identificadas ocasiões oportunas para as pessoas estarem juntas – na sala de aula, em casa, após a escola ou na comunidade.

- Ajudem as pessoas a compreender suas similaridades, as pessoas precisam ter um vínculo comum, seja ele a música, a compra de roupas, ir comer pizza, ir ao shopping ou cavalgar. A questão é descobrir o que as pessoas gostam de fazer e usar isso para uni-las umas às outras.

Diante do foi exposto, não só apenas explicitados por alguns autores, mas, pelo que tive a oportunidade de vivenciar e observar na prática educativa com crianças, mas principalmente, as diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a forma de acolhimento e inserção desse aluno em meio aos demais, que operacionaliza a inclusão.

Amar o que fazemos, é ao meu ver, o diferencial para um “trabalho” bem feito, ou seja, através da dedicação e comprometimento com a docência, que procuramos meios para desempenhar com eficiência a promoção intencional do desenvolvimento intelectual, social e cultural dos nossos alunos.

3. DELINEAMENTO DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Frente a um contexto tão desafiante, me vi na necessidade de ir em busca de mais informações, sobre o assunto, buscando técnicas que viabilizasse o meu trabalho como docente, para o desenvolvimento do aluno em particular. Pois a instituição na época, não oferecia qualquer tipo de orientação adequada para lidar com alunos com necessidades especiais e nesse caso em particular alunos com autismo.

Segundo o relato da mãe do aluno N, em outras instituições de ensino pelo qual seu filho passou, não houve progresso em seu processo de ensino aprendizagem devido à falta de preparo dos professores, embora, exista toda uma estrutura para auxiliá-lo em seu desenvolvimento cognitivo e social, como os serviços de psicologia, fonoaudiologia e psiquiatria.

No que diz respeito à minha participação como responsável na prática docente em relação a esse aluno, me vi inserida em um contexto desafiante, devido a minha falta de experiência para com o aluno autista, e com os relatos de outros professores sobre a sua “incapacidade” em realizar um trabalho mais eficaz, junto a alunos com necessidades especiais, devido à ausência de um ambiente apropriado e a uma formação adequada, para o sucesso do trabalho docente junto a esses alunos. Diante do que foi exposto, pretende-se nesse trabalho, a partir do estudo de caso, relatar o processo de aquisição do conhecimento dessa criança, bem como os métodos utilizados para a efetivação do mesmo.

O sujeito da pesquisa, supracitado, nasceu no dia 03 de Abril de 2008. Atualmente com 8 anos de idade, frequentando regularmente, o 3º ano do ensino fundamental, no turno da manhã em uma instituição privada no município de Cabedelo.

Relatado pela mãe do aluno, sua gestação foi normal, apesar de um relacionamento conturbado, com o pai do mesmo, houve algumas intercorrências, no período gestacional (sangramentos). Nascido de parto normal, aos 8 meses de gestação, medindo 43 cm e pesando, 2750 kg, APGAR 10 (teste para verificar as condições vitais do recém-nascido na vida extra uterina), realizando exames, para a triagem Neo - Natal como, teste do “pezinho”, “olhinho” e “orelhinha”, com a finalidade de detectar, possíveis doenças, todos com o resultados normais.

A percepção da mãe para os primeiros sinais do autismo, ocorreu desde os primeiros meses. A falta de contato visual, a não reação a estímulos básicos, como por exemplo, ao ser chamado pelo nome. Em um primeiro momento, desconfiou que seu filho poderia ser deficiente auditivo (mesmo tendo realizado o teste da orelhinha e dado normal). Lembra que, uma vizinha chegou a gritar no ouvido do seu filho, para ver se ele reagia ao “estímulo”, mas não ocorreu o resultado esperado.

N. teve todo acompanhamento que uma criança necessita, como consultas ao pediatra, vacinas, etc. Em todas as consultas, expunha o que vinha observando e o que ouvia desse profissional era: “tenha paciência, cada criança tem seu tempo”.

Conta que houve uma situação em que, assistindo ao DVD da Xuxa, começou a emitir sons, como se fosse uma tosse e/ ou pigarro na garganta, foi quando percebeu que ele na realidade, estava imitando os sons da música (Ram sam sam). Pôde então concluir que, seu filho, não era deficiente auditivo.

N. sentou aos nove meses e começou a andar e pronunciar as primeiras palavras como, mamá (mamãe) aos onze, e com um ano, água, bobó (vovó), ua (rua), dá. Com um ano e meio, sua mãe percebeu que não houve desenvolvimento em sua fala como deveria, e começou a perceber, a forma em que usava seus brinquedos, era em detrimento simbólico, ou seja, não utiliza o brinquedo dentro do contexto a qual ele foi introduzido (ex: um carrinho), usava-o de forma “errônea” empilhando-o, e/ ou movimentando-o de forma giratória, apresentava movimentos repetitivos e estereotipados, ou seja, sem finalidade social.

Não satisfeita com a postura da pediatra, procurou uma segunda opinião, e encaminhada para uma consulta com o neuropediatra. Esse o diagnosticou com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no ano de 2013, (dois anos e meio de idade). A partir daí, todos os procedimentos disponíveis para que a criança venha a desenvolver suas habilidades, foram disponibilizadas, como psicólogo neurocomportamental (1 vez por semana), fonoaudióloga (2 vezes por semana), Terapia Ocupacional e atualmente, musicoterapia (1 vez por semana).

O seu processo de alfabetização se deu, inicialmente em casa com sua mãe, e aos 2 anos e meio, foi matriculado em uma instituição de ensino. Contudo, na tentativa de inseri-lo no âmbito educacional, a mãe foi ao encontro a uma “muralha” de obstáculos, devido a recusa de algumas instituições, a fim de acolhe-lo, alegando falta de estrutura não só física,

mas também a desqualificação do professor (não capacitado, para lidar com um aluno com TEA) e a necessidade de uma cuidadora (a escola não dispunha, desse profissional para dar suporte necessário ao aluno).

É de comum acordo, segundo os relatórios emitidos pelas instituições as quais N. estudou, as suas potencialidades e desenvolvimento notório em todos os aspectos, mas sempre enfatizando a necessidade de um acompanhamento progressivo.

Há vários métodos existentes, para servir de aliado aos acompanhamentos multidisciplinares a crianças diagnosticadas com o Transtorno do EspectroAutista, no intuito de tentar sanar ou amenizar atitudes “inadequadas” provenientes dessa patologia, os métodos ABA e TEACH, foram os que melhor se aplicaram para o desenvolvimento de N.

O método ABA (Applied Behavior Analysis) Análise Comportamental Aplicada, consiste na análise comportamental do indivíduo diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), devendo ser aplicado apenas por um profissional qualificado, nesse caso, o terapeuta. Para a efetivação desse método, são apresentados estímulos a criança, com o intuito de fazer com que ela seja capaz de responder corretamente tais estímulos, sendo bonificado com isso (uma comida preferida, jogo, passeio, etc.) o que melhor convier para ambas as partes. Caso a resposta seja incorreta, não há “premiação”, e são retirados todos os estímulos. Contudo, todas as respostas assertivas ou não, devem ser registradas no relatório do terapeuta.

Esse método pode ser aplicado a autistas de diferentes idades, tanto adultos quanto crianças, mas para um melhor desenvolvimento, é indicado que seja o mais breve possível. Deve ser adaptado de acordo as necessidades e limitações do paciente, pois para a “evolução de cada pessoa, depende de pelo menos três fatores: 1) capacidades e competências do sujeito; 2) suas necessidades e 3) a forma como o modelo é implementado” (Ischkanian, 2014).

TEAACH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), traduzido para o português, Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (Ischkanian, 2014), tem por finalidade organizar o ambiente e atividades para viabilizar o aprendizado e integração da criança autista, uma vez que o espaço está estruturado e atividades organizadas, a

possibilidade de obtenção de sucesso nas realizações das mesmas será maior. De acordo com, Urbanski (2013);

O método TEACCH, utiliza uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança e determinar seus pontos fortes e de maior interesse, e suas habilidades, e, a partir desses pontos, montar um programa individualizado. O TEACCH se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dela. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, o TEACCH visa o desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para o aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente.

Um ambiente físico estruturado para o autista, é aquele que se detém de estímulos que possam distraí-los através de sons, texturas, imagens, etc. Ou seja, o ambiente sensorial deve ser o mais simples possível. Assim, será mais fácil de conseguir sua atenção para a interação social e o aprendizado, a fim de adquirir novas habilidades, proporcionando - lhe um melhor desenvolvimento cognitivo e social.

A escolha por cores neutras para o ambiente, pisos confortáveis e de fácil limpeza como emborrachados, são uma boa opção.

A comunicação da família com a instituição de ensino é de extrema importância para o sucesso do desenvolvimento da criança autista, deixando a escola a par dos métodos e estratégias utilizados em casa. Pois assim, juntamente com os profissionais da escola, concomitantemente, possam criar mecanismos responsivos, para a construção de um relacionamento e conexão mais íntimos com essa criança, tornando possível o sucesso desse projeto compartilhado.

Iniciei minha docência no mesmo ano (2014) em que N. foi matriculado na instituição de ensino, a qual faço parte até os dias atuais. Ao receber a notícia, em que, na minha sala teria um aluno com necessidades especiais, me deixou muito apreensiva, pois, como supracitado no início desse trabalho, minha experiência com crianças, nesse caso diagnosticadas com TEA, era muito pouca.

Tão logo comecei a pesquisar sobre o assunto, afim de poder proporcionar um melhor trabalho junto a esse aluno, devido a minha ausência de conhecimento e experiência.

A sala, era composta por 18 crianças, com idades entre 4 e 5 anos. Todos inicialmente o acolheram muito bem, já que, ele vinha a ser o único aluno novato, pois, os demais alunos já advinham desde as séries iniciais da educação infantil (maternal). Mas, com o passar do tempo, N. começou a apresentar atitudes referente a sua patologia, como irritabilidade, agressividade, choros e gritos sem qualquer motivo aparente, fugas da sala de aula para ir ao parque, fazendo com que os demais alunos ficassem assustados com a devida situação.

Foi a partir daí, que vimos, eu e a coordenadora responsável na época, a necessidade de fazer um trabalho informativo e inclusivo, junto aos demais alunos, pois os mesmo já não queriam estar perto de N. passaram a ter medo dele, devido as suas reações inesperadas.

Lembro-me que, em dia da semana, avisamos aos alunos que gostaríamos da ajuda de todos para uma tarefa especial. Comecei perguntando, se por ventura eu precisasse da ajuda deles, o que fariam? E em unanimidade, todos se prontificaram a me ajudar. A partir dessa resposta, começamos a explicar que, N. teria dias as quais precisaria da ajuda e compreensão de todos, como por exemplo, o dia em que ele estivesse chorando e irritado. Foi quando uma das crianças me perguntou, ele é doente? E eu respondi que não!

E fiz a seguinte pergunta: todos vocês acordam felizes, bem dispostos, com vontade de vir a escola todos os dias? E mais uma vez, a resposta foi unanime, não! E eu disse, com N. é do mesmo jeito, há dias em que ele também não está disposto para vir a escola, fazer as tarefas, brincar no parque, foi quando um dos alunos falou: ele prefere ficar em casa, jogando vídeo game, assim como eu. Foi quando brinquei, dizendo: você chegou exatamente aonde eu queria. Pedi que todos se entreolhassem, e observassem o que eles tinham em comum e de diferente, e assim foram fazendo, a cor do cabelo dela é igual ao meu, mas o tamanho é diferente; outro observou a semelhança da cor da pele, foi quando um dos alunos levantou a mão, e um pouco encabulado disse: tia, gostar da mesma coisa é ser semelhante? E eu, respondi que sim!

E ele falou, então eu sou semelhante a N. pois, eu também gosto muito de vídeo game, e assim, com essa resposta ele contagiou a todos na sala, cada um foi levantando a mão e dizendo, eu também!

A partir daí, para minha felicidade e tranquilidade todos passaram a acolher N. de uma forma a qual, muitos adultos não o fazem, pois ainda, infelizmente me deparei com atitudes preconceituosas de pais de alunos, que devido a falta de conhecimento e indisponibilidade de perceber o outro de forma afetuosa, acabam por influenciar seus filhos de maneira negativa.

Muitas vezes, quando N. estava bastante irritado, alguns alunos se disponibilizavam a sair com ele da sala, para tentar fazer com que ele se acalmasse, dizendo: Tia, quer que a gente leve ele “pro” parque um pouquinho para ele se acalmar?

Havia uma aluna em que, até hoje não tive a oportunidade de conhecer uma pessoa que, se doasse tanto em benefício do outro como ela. Posso dizer que ela fazia o “papel” da cuidadora de N. Sua disponibilidade em ajudá-lo, chegou a ser prejudicial em alguns momentos pois, ela queria realizar as atividades em seu lugar. Foi preciso conversarmos com ela (eu e a coordenadora) e explicar que suas atitudes eram muito bonitas, mas, se ela quisesse realmente ajudá-lo, teria que deixá-lo aprender a fazer as coisas sozinho, assim como ela aprendeu.

Sanado o problema da exclusão, outro desafio ainda existia, a parte pedagógica. Como “alfabetizar” um aluno autista?

A escola supracitada tem sua metodologia baseada no ensino tradicional, suas atividades são voltadas para cobrir e copiar letras e números na forma cursiva de escrita, a utilização de cadernos de caligrafia, um planejamento voltado para o cumprimento de conteúdos pré-determinados, não dando muitas vezes “brechas” para que possamos sondar os conhecimentos prévios dos alunos, podendo assim direcionar melhor as atividades e explorar suas habilidades e promover uma aprendizagem concreta.

Contudo, tive a felicidade de ter uma coordenadora muito humana, preocupada realmente e primeiramente com o bem estar dos alunos, e dentro dessa perspectiva, promover uma educação de qualidade, dentro daquilo que nos era possível. Sugeri então que, as atividades realizadas no caderno de caligrafia, fossem copiadas com letra “bastão”, pois N. tinha aversão em realizar atividades que precisasse cobrir e copiar letras em forma cursiva. E ela, prontamente aceitou.

Para a concretização e finalização de algumas atividades, era necessário retirá-lo da sala de aula, pois a forma a qual ele encontrou para nos desafiar, era gritando, chorando, jogando muitas vezes seus materiais escolares no chão, para não realizar as atividades propostas, então, tentávamos entrar em um acordo com ele, caso ele fizesse o que estávamos propondo, deixaríamos ele assistir o desenho do “Pocoyo”, no computador. Por algumas vezes, surtiu efeito.

Como as atividades a serem desenvolvidas na parte da escrita, eram com letra cursiva, passamos a copiá-las em folha A4, com letra bastão, para que o aluno pudesse realizá-las, e foi assim, que ele começou primeiramente, a reconhecer as famílias silábicas, a fazer as junções das sílabas, e conseguir formar palavras e lê-las, como por exemplo bola, bala, caiu, dado, etc.

Quem nos deu um grande suporte foi a mãe do aluno N., pois fomos muito sinceras (eu e coordenadora), no que diz respeito a nossa falta de experiência com alunos com TEA, e todas as orientações dadas pela psicóloga a qual o aluno fazia acompanhamento, nos era passada, e assim tentávamos colocar em prática, para um melhor convívio com ele.

Os livros de Linguagem, Matemática, Caligrafia e Natureza e Sociedade, eram levados para que a psicopedagoga fizesse as devidas adaptações, na parte da escrita, era utilizada a letra “bastão”.

O que sempre me chamou atenção em N. era a sua capacidade em me surpreender praticamente todos os dias, sua evolução cognitiva, interação com os demais alunos e funcionários da escola, era admirável, como por exemplo, sua hipersensibilidade a sons. Ele não participava das festividades da escola, devido a sua irritabilidade a música alta e aglomeração de pessoas, e atualmente pratica musicoterapia, tocando teclado. Segundo o relato de sua mãe, N. faz questão de participar das festividades de sua escola atual.

3.1. Análise Descritiva do Questionário Aplicado

Dentro dessa perspectiva, para uma melhor compreensão do processo evolutivo, cognitivo e social, do aluno N.B.F, foi aplicado um questionário para delineamento dessa pesquisa, ao professor que esteve responsável para lecionar em sua turma, por quase 2 anos consecutivos (2016/ 2017) pois, de acordo com (MARCONI e LAKATOS, p.201, 2003), as vantagens desse método são; “maior liberdade nas respostas, menos riscos de distorção, pela

não influência do pesquisador”, a fim de perceber, quais desafios foram superados, os que ainda merecem uma maior atenção, pois são ou não, características de sua patologia por isso, ainda permanecem, métodos aplicados para fazer com que, ocorra a aprendizagem e a relação professor- aluno possa ser melhorada.

3.2.1.Questionamentos:

1) Como foi inicialmente a acolhida do aluno N.B.F, na instituição?

Inicialmente foi bem difícil a adaptação do aluno, ele está na instituição desde a metade de 2015 acredito, porém só vim ter contato com ele em 2016 quando ele iniciou o 2º ano, um pouco de resistência foi sentido no começo, muita agitação, algumas agressões com os colegas, birras e complicações com a alimentação, tentamos o máximo tornar um ambiente agradável, sempre em parceria com a mãe que estava a todo momento perto de todo o processo, ajudando, auxiliando, participando e interagindo, aos poucos fomos começando a aprender com ele, percebendo os detalhes dele, hábitos, o que poderíamos fazer para a manutenção do processo de aprendizagem junto com ele.

2) Qual foi sua maior dificuldade durante o processo de adaptação e socialização com o aluno?

Foi difícil a aplicação das atividades que até então não estavam totalmente adaptadas, ele se encontrava em uma sala mista em que havia 10 crianças do 1º ano e só ele do 2º ano, muitas vezes ele queria realizar as atividades dos outros colegas, ele percebia que as atividades eram diferentes, eram momentos diferentes de disciplinas, as vezes a série estava fazendo história e ele ciências, então ele sempre queria fazer a outra atividade, a explicação dos conteúdos foram um pouco difícil para passar para ele, até chegarmos em um consenso de aula dialogada com histórias, palavras chaves, entonação diferenciada na fala entre outros detalhes que foi percebido que funcionava, encontrei como as principais dificuldades a falta de atenção, dificuldade de compreensão e dificuldade na fala.

3) Os métodos utilizados para facilitar e mediar os assuntos abordados para a alfabetização do aluno?

Chega a parte dos recursos, confesso que não foi difícil elaborar, criar, pesquisar, difícil foi chegar na conclusão se era realmente eficaz para o caso, como foi dito percebi que mudar a entonação da voz prendia a atenção dele, comecei a trabalhar histórias de livrinhos com vozes de personagens, histórias do próprio livro de língua portuguesa com entonações diferentes, frisando sempre uma palavra chave do texto e repetindo ela sempre que preciso, necessário ou que encaixasse no decorrer da história, não me recordo ao certo como era a história, falava de uma bruxinha que queria fazer uma sopa de palavras “eu imitava a voz da bruxa e uma frase muito utilizada por ela” quando íamos realizar a atividade sobre o texto sempre repetia frase da bruxa e ele já pegava o gancho da história e lembrava da maioria das palavras, utilizei palitos de churrasco para efetuar contas de multiplicação com ele, na divisão ele adorava ir para o quadro para separar os conjuntos, gostava de ler problemas de matemática com o nome dos colegas de classe, gostava do material dourado, para trabalhar as formas geométricas levei moldes de caixa para montar junto com ele, e sempre que possível eu utilizava leitura de imagens para que ele desenhasse algo parecido ou até mesmo para que ele escrevesse os objetos da imagem, lembro que coloquei fotos de Tiradentes, descobrimento do brasil, dia do trabalhador, dia da bandeira, sempre relacionado a história para ele colorir e escrever o que tinha na foto, depois tínhamos conversas “curtas” sobre o que ele desenhou, outro dia mostrava o desenho e ele sempre comentava sobre o que se tratava, claro que de forma breve, utilizei muitos recursos de vídeos para trabalhar ciências, animais, reprodução, deslocamento, alimentação, classificação dos animais..... também na matéria de cidadania com vídeos sobre os deveres e direitos dos alunos, certo e errado, ética na escola, família, utilizei também para a conscientização do meio ambiente, construir maquete para falar do transito e meios de transportes, confecção de cartazes para contar histórias, cartaz para falar das partes das plantas, sempre utilizando dessas disciplinas recursos manuais e visuais.

4) Durante o processo de alfabetização, houve resistência ou demonstração de alguma dificuldade do aluno para alguma disciplina específica?

Teve resistência da parte do aluno em conteúdos de matemática, números romanos, até então números eram números e letras eram letras, quando as letras começaram a representar os números houve uma confusão para assimilar, no

início da apresentação do conteúdo de multiplicação era confuso pra ele também, porém nas demais tudo ocorreu bem dentro do seu tempo e ritmo.

3.3.1 Análise

Conforme foi explicitado pelo professor, as atitudes comportamentais como, agitação, agressividade e “birras”, são algumas características do indivíduo autista, contudo, com o apoio necessário, é possível estabelecer um vínculo com esse aluno, a partir da disposição do conhecer o outro, suas capacidades e limitações, afim de encontrar “brechas” para estabelecer uma relação de confiabilidade e interação entre os indivíduos.

E foi, devido a essa disponibilidade do professor em acolher e promover uma educação de qualidade, apesar dos obstáculos como, a falta de estrutura da sala, por ser multisseriada (1º e 2º Ano), contendo alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes, a falta de conhecimento do que vinha a ser uma criança com necessidades especiais, que o fez ir em busca de métodos que viabilizasse seu trabalho junto a esse aluno, como nas contações de histórias, mudar a entonação da voz, e encontrar palavras chaves, para fazer com que N. conseguisse fazer a ligação da palavra ao contexto que estava sendo estudado, utilizar recursos de fácil acesso e barato, como palitos de churrasco, material reciclável (caixas), cartazes, fotos e recursos áudio visuais, mostra que, com boa vontade, criatividade e amor, é possível fazer um trabalho diferenciado e eficaz.

Outro aspecto, de relevância e significativo, ao meu ver e também para o aluno, foi a atitude do professor em inseri-lo no um contexto educacional e social, promovendo a inclusão desse aluno, gerando satisfação e alegria, ao fazê-lo participante durante as aulas, para que ele fosse valorizado em seu diferencial e particularidade.

Frente a tudo isso, percebe-se que a instituição a qual o aluno está matriculado, e o professor responsável, estão comprometidos, com o que foi, supracitado ao longo desse trabalho, no que diz respeito ao cumprimento dos direitos de pessoas com necessidades especiais, nesse caso em particular, o aluno autista. Estão sendo cumpridos, não por que seja descrito na lei, mas sim, devido ao seu

comprometimento com o bem estar do indivíduo, mas também com a escolha a qual fizeram, ser instrumentos que viabilizem uma educação de qualidade a todos.

4. Considerações Finais

Diante de tudo o que foi exposto, ao longo desse trabalho, tentei colocar não só as minhas percepções como educadora, mas também minhas inquietações e necessidades como aluna do curso de pedagogia, e segue como sugestão à instituição (Universidade Federal da Paraíba), a inserção de componentes curriculares, mais específicos no que diz respeito a Educação Especial, como por exemplo, disciplinas que exponham mais detalhadamente, as síndromes, métodos que viabilizem o aprendizado desses alunos, um possível acompanhamento com um professor (psicólogo) no período do estágio supervisionado, pois diante dos relatos de alunos, durante as aulas, não sabiam qual atitudes a ser tomadas, frente a essas realidades.

Devido ao cumprimento desse componente curricular (estágio supervisionado), que me “apaixonei” tanto pela educação infantil, e em seguida, pela educação especial. Pois tive a feliz oportunidade, de lecionar para uma criança maravilhosa e apaixonante como N. Um menino doce, meigo, educado, inteligente, temente a Deus, que por onde passa, deixa sua marca e também, muita saudade.

Posso afirmar, com toda certeza, que se houve um grande aprendizado, não foi o de N. e sim o meu. Ele foi um grande incentivador e exemplo em minha vida, modelo de perseverança, frente aos obstáculos que lhes eram impostos devido as suas limitações, preconceitos advindos de terceiros, a falta de compreensão de muitos, entre olhares curiosos e reprovadores, ele foi e é uma ser humano intrigante. Aquele que olhamos todos os dias, e surge a pergunta: qual será a surpresa de hoje? Pois, N. é, uma caixinha de felizes e grandiosas surpresas.

Fico muito feliz em poder ter contribuído mesmo que minimamente no processo evolutivo de N. pois sei que, frente não só as suas limitações, mas também a falta de conhecimento, e o preconceito da nossa sociedade, há um longo caminho, ainda ser percorrido e superado, mas não tenho dúvidas, que ele irá conseguir.

O que seria do azul, se não fosse o amarelo, vermelho, verde, laranja e o violeta, pois, separadamente, possui uma beleza individual e até mesmo, egoísta, mas quando unidas, criam um espetáculo no céu.

Pois é assim que somos, seres únicos, cada um de nós possuímos em sua particularidade, limitações, anseios, obstáculos a serem superados, podemos até conseguir obter sucesso sozinhos, mas a alegria e satisfação será ainda maior se tivermos uma mão que nos levante e direcione, ou seja, a parte que nos falta, é completada pelo outro.

5. REFERÊNCIAS

AMARO, Deigles Giacomelli. **Educação Inclusiva: Aprendizagem e Cotidiano Escolar**. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

_____. MEC.CNE. Resolução nº 4, de 02 de Outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Portal Mec., Brasília, DF, out.2009a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 12 Dez.2015.

Brites, Clay. **Autismo: Transtorno do Espectro Autista/ Aspectos Básicos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg&t=478s>> Acesso em: 13 Maio 2017.

CRUZ, Deusina Lopes da. **Olhe os Autistas nos Olhos: Direitos de Cidadania, Dever da Família, do Estado e da Sociedade** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/audiencias-publicas/audiencias-publicas-anteriores/audiencia-2013/audiencia-02.04/apresentacao-1>> Acesso em: 09/06/2017.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. Autismo e Educação: **Métodos e Técnicas Educacionais para Autistas**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/SimoneHelenDrumond/93-metodos-para-pessoas-autistas>> Acesso em: 09/06/2017

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. Autismo e Educação: **Brincando com a Matemática** Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/SimoneHelenDrumond/93-metodos-para-pessoas-autistas>> 14/ 08/2014 Acesso em: 09/06/2017

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Morian. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo. Ed. Atlas, 2003.

MARTINS, João Carlos; PIMNETEL. Lucilla da Silveira Leite. **O fazer Pedagógico: (Re)significando o olhar do educador**. Rio de Janeiro. Ed. Wak, 2009.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo Linguagem e Educação: Interação Social no Cotidiano Escolar**. 3ª ed, Rio de Janeiro. Ed. Wak, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; **O estágio na formação de professores: Unidade teoria e pratica?** 4º ed. São Paulo: Cortez, 2001.p.84.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A criança Autista: Um estudo psicopedagógico**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed.Wak, 2015.

ROTTA, Newra Tellechea (org) et.al. **Transtornos da Aprendizagem: Uma Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** 2ª ed. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2016.

STAINBACK, Susam; STAINBACK, Willian. **Inclusão; Um guia para Educadores.** Porto Alegre. Ed. Artmed,1999.

URBANSKI, Luiz. Universo Autista. **Intervenção Método TEACCH.** Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/works/item.php?id=8>> Acesso em: 09/06/2017